CADERNOS de TRADUÇÃO

Traduzindo a Amazônia V

Translating the Amazon V

Andreia Guerini
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
andreia.guerini@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-3187-6246

Maria-Hélène C. Torres
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
marie.helene.torres@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9263-0162

José Guilherme Fernandes
Universidade Federal do Pará
Belém, Pará, Brasil
guilherme.profufpa@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9946-4961

A Amazônia, desde os primeiros relatos europeus, constituiu-se como uma poderosa construção imaginária, um território de projeção de desejos, medos e fantasias de uma civilização em expansão. Os exploradores que se aventuraram por suas florestas e rios não apenas mapearam um espaço físico, mas, através de seus diários, cartas e relatos, criaram uma representação textual da região que, por séculos, alimentou o fascínio e a cobiça do mundo ocidental.

É exatamente nesse horizonte de reflexão sobre as representações e a memória da região que se insere este volume de *Traduzindo a Amazônia*, reunindo quinze textos de viajantes e exploradores que abrangem um arco temporal do século XVI ao XX. A relevância deste empreendimento reside na compreensão de que traduzir esses relatos é, antes de tudo, um ato de mediação cultural e histórica, permitindo não apenas acessar documentos de fontes primárias, mas também desvendar as complexas relações de poder, os discursos coloniais e as percepções ambientais que moldaram o território.

Os textos aqui reunidos são provenientes de diferentes idiomas (francês, espanhol, alemão e inglês), materializados em crônicas, diários, relatos e discursos de etnógrafos, geógrafos e naturalistas estrangeiros sobre a realidade amazônica. Cada tradução é precedida por um artigo introdutório que contextualiza o texto-fonte e discute rigorosamente os procedimentos tradutórios adotados.

Cadernos de Tradução, *46*(n. esp. 1), 2026, e115179
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. ISSN 2175-7968
DOI: https://doi.org/10.5007/2175-7968.2026.e115179

A primeira seção deste volume, composta pelos oito primeiros artigos, reúne relatos e crônicas produzidos entre os séculos XVI e XIX: Michel Emmanuel Félix François apresenta reflexões sobre a tradução da obra de Sir Walter Ralegh, abordando os desafios de verter para o português este relato pioneiro de 1596 sobre a Guiana, com foco em questões terminológicas da época elizabetana e no imaginário renascentista sobre a Amazônia. Samuel Luzeiro Lucena de Medeiros, Tatiana de Lima Pedrosa Santos e Walter Carlos Costa comentam a tradução do primeiro capítulo da obra do Padre Pablo Maroni (1738), destacando a relevância do registro jesuítico e as estratégias aplicadas ao espanhol setecentista e à terminologia missionária. Rosilene Lima Cardozo de Queiroz, Lilian Cristina Barata Pereira e Joaquim Martins Cancela Jr. apresentam a versão em português do capítulo XVIII da expedição de William Lewis Herndon (1854), analisando a terminologia geográfica e etnográfica oitocentista do vale amazônico. Sheila Maria dos Santos, Kall Lyws Barroso Sales e Catarina Junges desconstroem o olhar colonizador de Alejandro de Belmar (1860), problematizando o processo colaborativo de tradução do francês e as representações exógenas do território no contexto imperial europeu. Adriano Mafra e Giovana Bleyer Ferreira dos Santos tomam a obra de A. de Belmar como fonte histórica fundamental, propondo uma versão parcial, anotada e comentada que torna acessível este relato, enfatizando aspectos culturais e geográficos das províncias do Pará e do Amazonas. Davi Silva Gonçalves e Sheila Cristina dos Santos propõem uma leitura ecotradutória para o relato de Charles Barrington Brown (1878), demonstrando como conceitos ecológicos são mediados no processo tradutório e estabelecendo pontes entre linguagem e ecologia. Marie-Hélène Catherine Torres e coletivo de tradutores explicitam as decisões tradutórias adotadas na versão dos capítulos I a IV de *Voyages dans l'Amérique du Sud* (1883), de Jules Crevaux, examinando anacronismos, antropônimos, topônimos e a relação do explorador com o ambiente sob a ótica da ecotradução. Mariana Janaina dos Santos Alves, José Guilherme dos Santos Fernandes e Gabriel Nunes Yared Lima focalizam a versão em português da obra de Henri Coudreau, problematizando o contexto geopolítico da disputa territorial entre França e Brasil e as implicações ideológicas na mediação tradutória.

Na sequência, os artigos voltam-se para a etnografia indígena e as representações científicas nos séculos XIX e XX. Ana Karla Canarinos e Wagner Monteiro Pereira examinam o desejo etnográfico de Charles Girard (1889) em descrever a alteridade amazônica, analisando as representações do "Outro" entre os Andes e a Amazônia no âmbito dos saberes antropológicos oitocentistas. Rafael Ferreira da Silva e coletivo de tradutores oferecem uma versão comentada dos escritos do italiano Oreste Mosca sobre o Pará, investigando as pontes entre selva e linguagem para capturar a perspectiva italiana finissecular sobre a região. Amanda Bruno de Mello investiga o olhar feminino de Gemma Ferruggia (1901) sobre a Amazônia missionária, discutindo representações de gênero, percepções dos habitantes locais e a natureza sob uma perspectiva católica e italiana. Sinara de Oliveira Branco analisa aspectos botânicos e zoológicos na obra de Richard Spruce (1908), focalizando o rigor exigido na tradução da terminologia científica especializada e nas descrições de vegetação e migração animal. Juliana Cristina Faggion Bergmann e Andréa Cesco abordam a Amazônia venezuelana a partir da obra de Martín Matos Arvelo, traduzindo capítulos sobre populações indígenas e refletindo sobre dimensões éticas na mediação de práticas culturais ligadas ao afeto, à saúde e à morte. Cilene Trindade Rohr, Fernanda Boarin Boechat e Rosanne Cordeiro Castelo Branco percorrem as trilhas tradutórias de Emilie Snethlage, abordando impasses

terminológicos e soluções estilísticas na mediação científica desta marcante naturalista e etnógrafa. Werner Heidermann encerra o volume com uma análise crítica da obra sensacionalista de Otto Schulz-Kampfhenkel (1938), questionando como discursos científicos foram espetacularizados e investigando estratégias para lidar com representações ideologicamente marcadas pelo contexto nazista.

Subjacente a essa diversidade de fontes, os artigos reunidos neste volume demonstram que a tradução de relatos de viagem ultrapassa a mera busca por equivalência linguística. Cada escolha tradutória, cada nota explicativa e cada decisão de manter ou atualizar um termo anacrônico revela a postura ética e ideológica do tradutor em relação ao texto-fonte e ao seu momento histórico.

Percebe-se, assim, um alinhamento com uma ética da tradução que, inspirada em teóricos como Antoine Berman (2013), opõe-se categoricamente à domesticação do texto estrangeiro. Os autores deste volume assumem o compromisso de preservar a "estranheza" dos originais, evitando a modernização extemporânea de vocábulos que apagaria as marcas temporais dos relatos. Ao manter, por exemplo, termos históricos como "índio" em vez de "indígena", ou ao não corrigir retrospectivamente taxonomias zoológicas equivocadas da época, o leitor contemporâneo é convidado a um estranhamento produtivo, uma experiência crítica necessária para confrontar as visões de mundo do passado e identificar a permanência de certos estereótipos.

Contudo, esse rigor com o espírito da época não implica uma adesão acrítica aos conteúdos. A maioria das contribuições adota uma perspectiva decolonial, analisando a "tradução cultural" como um mecanismo em que os viajantes atuavam como intérpretes e agentes de um projeto imperialista. As expedições de figuras como Herndon, Crevaux e Barrington Brown são compreendidas não como meras expedições científicas neutras, mas como empreendimentos geopolíticos estratégicos voltados ao mapeamento de recursos e à expansão de domínios territoriais.

Outro eixo norteador neste volume é a ecotradução. Amparada nas formulações de Michael Cronin (2017) e desenvolvida no Brasil por Marie-Hélène Torres (2021), essa abordagem coloca a dimensão ambiental no centro da reflexão tradutória. Os relatos passam a ser lidos reconhecendo a floresta e os rios não como panos de fundo estáticos, mas como agentes não humanos que desafiam e moldam a jornada dos exploradores. Traduzir as descrições da paisagem torna-se, portanto, um ato político e ecológico que resgata a sensibilidade para com a natureza e oferece um contraponto crítico ao cenário atual de devastação e crise climática.

Em suma, a contribuição dos estudos críticos e das traduções comentadas/anotadas presentes neste volume viabilizam o acesso a fontes primárias raras ou inéditas em língua portuguesa, permitindo que historiadores, antropólogos e geógrafos dialoguem diretamente com os testemunhos do passado; expõem os bastidores da prática tradutória, problematizando os desafios da tradução de topônimos, antropônimos, e taxonomias botânicas e etnográficas em um exercício metalinguístico e ainda ajudam a desnaturalizam as narrativas colonialistas, evidenciando lacunas, silêncios e vieses ideológicos presentes na construção histórica da imagem da Amazônia.

Referências

Berman, A. (2013). *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2ª ed.; M.-H. C. Torres, M. Furlan & A. Guerini, Trads.). Copiart.

Cronin, M. (2017). *Eco-Translation: Translation and Ecology in the Age of the Anthropocene*. Routledge.

Guerini, A., Torres, M.-H. C.; Fernandes, J. G. (Orgs.). (2021). Traduzindo a Amazônia: tradução de relatos de viagem sobre a Amazônia. *Cadernos de Tradução*, *41*(n. esp. 1), 8–17.